



GT 30. Drogas, saberes e direitos

Coordenador(es):

Beatriz Caiuby Labate (CIIS)

Frederico Policarpo de Mendonça Filho (UFF - Universidade Federal Fluminense)

Sessão 1

Debatedor/a: Sandra Lucia Goulart (Faculdade Cásper Líbero)

Sessão 2

Debatedor/a: Martinho Braga Batista e Silva (UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

O GT visa refletir sobre as representações e práticas acerca dos usos de substâncias psicoativas e discutir instrumentos teóricos e metodológicos que permitam compreender seus efeitos sociais e políticos, bem como os controles que as cercam. Contempla a multiplicidade de discursos e práticas que coexiste em torno dessas substâncias, como a própria definição como “drogas” ou “medicamentos”. Tanto as estratégias de controle sobre as experiências de uso, como aquelas mobilizadas para garantir esse consumo são consideradas em suas singularidades, isto é, a partir de sua própria constituição. O ponto de partida é problematizar o paradigma “médico-legal” em que se baseiam as políticas de drogas estatais. Ao mesmo tempo, busca-se superar a dicotomia “efeitos farmacológicos” versus “aspectos culturais”, promovendo o diálogo entre diferentes campos de conhecimentos, de modo a se pensar o tema a partir de uma perspectiva mais integrada. Para tanto, o GT comporta: 1) etnografias sobre usos de substâncias, sejam elas classificadas como “drogas”, “plantas” ou “medicamentos”; 2) análise de políticas de drogas e das instituições que atualizam regimes de controle e regulação, nos campos da justiça, saúde, religião, ciência, sociedade civil e seus entrecruzamentos; 3) pesquisas que exploram a fluidez de fronteiras entre lícito e ilícito; natural e artificial; social/terapêutico/ritual; endógeno e exógeno; tratamento/prevenção/aprimoramento; proibição/liberação/legalização.

Transformações e reinvenções do Santo Daime a partir das traduções do xamanismo Yawanawá (Pano)

Autoria: Lígia Duque Platero (UFF - Universidade Federal Fluminense)

O tema do artigo é o diálogo xamânico estabelecido entre adeptos de uma igreja do Santo Daime do Rio de Janeiro e membros do povo indígena Yawanawá (Pano), das aldeias Mutum e Nova Esperança, do Acre. Em meio a esse diálogo, ocorre uma dupla transformação: cada parte da relação se transforma a partir das traduções que realiza em meio ao diálogo com o outro. São essas traduções e transformações - tendo em vista o ponto de vista dos adeptos do Santo Daime ? que busco explorar neste artigo. Desde 2009, os adeptos de uma igreja urbana do Santo Daime do Rio de Janeiro adotaram o consumo de algumas medicinas da floresta ? rapé, sananga e kambô, e produziram novos hinos, danças, imagens e dietas (as santas dietas), relacionadas ao xamanismo Yawanawá. Nesse sentido, pergunto-me: como os adeptos do Santo Daime dessa linha expansionista vem traduzindo e ressignificando o xamanismo Yawanawá, produzindo novas diversificações do Santo Daime? Essas transformações podem ser consideradas como uma nova forma de reinvenção da tradição do Santo Daime? Assim, o problema do problema do artigo se refere às traduções equívocas (Viveiros de Castro, 2004) daimistas em relação ao xamanismo Yawanawá, e a produção de transformações e reinvenções da tradição. Assim, o objeto do artigo é a questão da diversificação do Santo Daime dessa linha expansionista em meio a esse diálogo com esse outro indígena. work com a hipótese de



que as traduções equívocas em meio ao diálogo xamânico são um processo inventivo, produtor de transformações na cosmologia e nos rituais do Santo Daime, e diferenciações nessa religião ayahuasqueira e/ou xamanismo coletivo (Couto, 1989). Essas traduções daimistas ocorrem a partir de uma linguagem espírita e umbandista, com ênfase no diálogo entre espíritos humanos e não humanos. Parto da hipótese de que essas transformações podem ser consideradas também como reinvenções da tradição ou da cultura. Como objetivos do artigo, busco descrever e analisar as traduções daimistas relacionadas à adoção de plantas-espírito (sobretudo o rapé e a sananga), e a adoção e resignificação de cantos, de danças, da estética e de dietas Yawanawá. Busco também analisar as convergências e divergências do conceito de transformação usado na Etnologia Sul-americana e o conceito de reinvenção das tradições, utilizado no campo de pesquisas sobre ayahuasca. Ao longo do artigo, dialogo com pesquisas sobre transformações ameríndias, Santo Daime, ayahuasca e medicinas da floresta (rapé, sananga e kambô), sobretudo com a bibliografia que aborda a questão do diálogo xamânico entre Santo Daime e povos indígenas. Este work é baseado em observação participante, realizada na igreja carioca entre 2015 e 2017, e na Terra Indígena Rio Gregório, em julho de 2016.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: